

JT Pág. 4
Os três males

16 MAI 1988

J.O. de Meira Penna

Parafraçando uma célebre referência de Tocqueville sobre os Jacobinos franceses do tempo da Revolução, poderíamos afirmar que há no Brasil muitos homens honestos, muitos homens inteligentes e muitos crentes marxistas. O que não é possível, entretanto, é encontrar essas três qualidades em conjugação numa mesma pessoa. Os inteligentes honestos nunca são marxistas, os marxistas inteligentes são patifes e os marxistas honestos são burros. Um corolário desse princípio é que sofre o País no momento de três males, tão graves que muitos se desesperam a ponto de pensar no exílio enquanto uma grande parte, à qual me associo, sente profunda irritação com os rumos da nacionalidade. Os três males são, precisamente, a patifaria, a burrice e a ideologia de inspiração marxista que se traduz em ímpetos nacional-socialistas, xenófobos, estatizantes e terceiro-mundistas. Uma série de definições já têm sido propostas para descrever a conjuntura: teríamos adotado o modelo da Albânia ou de Bangladesh; estaríamos, por inspiração dos clérigos da Teratologia da Opressão, fazendo uma opção preferencial pela pobreza; estaria em processo, como sugere um amigo meu, uma "nordestinização" geral do País; o jumbo nacional estaria sendo dirigido por um piloto de teco-teco. O fato é que, como conta Roberto Campos, em uma de suas últimas crônicas, nós estamos todos perguntando, perplexos, como aquele engraxate da Câmara a um deputado: "Seja franco, seu Dotô, há algum perigo de melhorar?" É a pergunta que também faço.

Quero aqui repetir um argumento que já desenvolvi em outros sueltos. Acredito que os patifes, os débeis mentais e os nacional-socialistas, amplamente lotados no governo, na Constituinte, nos partidos que controlam o Estado, nos meios de comunicação de massa, nas universidades e na Esquerdigreja, estão inconsciente ou deliberadamente preparando impasses sócio-econômicos e exacerbando a polarização que começa a transparecer, tendo como objetivo claro tornar irreversível a conquista do poder pela minoria "bolchevista"; e, de qualquer forma, fortalecer as tendências estatizantes de maneira a consolidar definitivamente o monopólio do poder por aquilo que Ives Gandra descreve como a Nova Classe ociosa.

A consciência de que o impasse econômico, social e político em que se meteu o País é principalmente devido ao agigantamento e apetite pantagruélico do dinossauro burocrático cresce lentamente, conforme sinais que se manifestam na imprensa, nas redes da TV, nos discursos e conversas da gente de bom senso. A luta heróica em que se empenha o ministro da Fazenda para conter o déficit público e recompor a credibilidade do País no Exterior — credibilidade destruída pelos seus dois antecessores — dá a entender que, pelo menos num certo setor, restrito mas excepcionalmente lúcido da administração, essa consciência também já despontou. Fixemos claramente a problemática do País: o desenvolvimento da Revolução Industrial, iniciado há mais de trinta anos, foi detido. O exemplo da Argentina demonstra, sobejantemente, que mesmo um país riquíssimo em recursos naturais, com alto nível cultural e uma população etnicamente homogênea, pode ser arruinado politicamente. Outro caso foi o da França em fins do século XVIII: enquanto a Revolução Industrial se iniciava na Inglaterra, a França perdia sua hegemonia política, cultural e econômica com uma série de traumas históricos e instabilidade constitucional. Hoje, na América Latina, só o Chile é estimulado pelo progresso, enquanto Argentina, México, Peru, Colômbia, Uruguai permanecem todos estagnados no patrimonialismo mercantilista colonial, fantasiado de "socialismo", de sindicalismo corporativista, de populismo igualitarista, de caudilhismo autoritário. As perspectivas aqui também são simples: a dúvida existencial que pairava desde

os primórdios da República, há cem anos — Brasil, eterno país do futuro! — parecia haver sido transcendida a partir do governo J.K., com a construção de Brasília, e do "milagre" do "ninguém segura este país!" da década dos 70. Os índices médios de crescimento anual do PIB atingiam 7%, 10%, até mesmo o pico de 14%. Estávamos na euforia do take-off!

Ora, um grupo ainda extremamente pequeno na elite intelectual, política e empresarial se conscientizou que o prosseguimento do desenvolvimento pode ser irremediavelmente detido por fatores de livre decisão política. A solução é o liberalismo mas corremos o risco de um impasse fatal. A ideologia nacional socialista, o que quer dizer a doxa esdrúxula que é capaz de unir, num consenso aberrante, um milionário como Abreu Sodre, um general como Moreira Lima e um parlamentar do PC como Roberto Freire, representa uma verdadeira enfermidade coletiva de prognóstico imprevisível. A gravidade do que ocorre é que o processo de nacional-socialização iniciado sob Getúlio Vargas e intensificado nas três últimas presidências militares, com a assistência diplomática do Itamaraty no setor externo da política, foi finalmente "legitimado" na Nova República através da ominosa aliança da inteligência botocuda com a Nova Classe tecnoburocrática e política. Como agora deter o monstro? Oito ou nove milhões de parasitas públicos (da União, das autarquias, dos estados e dos municípios) estão tão fortemente encastelados, com seus 40 milhões de dependentes, na própria substância da sociedade, que não vejo muito bem a maneira de derrubarmos essa "estrutura". Uma "revolução social" libertadora poderá durar 20, 30, 50 anos — isso se realmente as tendências liberais que se manifestam no mundo causarem suficiente impacto sobre o espírito mimético da opinião pública. Um honesta, inteligente e não-marxista para provocar uma reação imunológica contra o mal. Tive, outro dia, uma conversa com um jovem e brilhante coronel de estado-maior de nosso exército que fortemente me impressionou: revelou-me a inquietação que estaria agitando a oficialidade de baixa patente (tenentes e capitães) das FFAA com os rumos do País, sensibilizados na pele pela baixa remuneração que recebem. Poderiam eventualmente ser mobilizados por um demagogo nacionalista. Comentando essa questão de salários, demonstrei-lhe que, como embaixador, ganho menos do que um general-de-divisão. Respondeu-me que um general ganha menos do que um vereador. Vejam bem: os oficiais generais são algumas centenas mas há quase cinco mil municípios neste país com centenas de milhares ou milhões de prefeitos, secretários da prefeitura, vereadores, juízes, delegados e outros minimarajás, exaurindo inteiramente a renda dessa unidade administrativa básica da Nação. Não por acaso é Minas Gerais o estado mais atrasado do Sudeste e o que mais municípios possui (722 contra 570 para S. Paulo), o que justificaria a canção: "Ó Minas Gerais, 5 anos p'ra frente, e 50 p'ra trás, ó Minas Gerais..." "Que fazer?!", como perguntaria Lenin.

São essas tristes circunstâncias que às vezes me fazem lembrar das palavras terríveis de Eduardo Prado em sua "A Ilusão Americana" — um livro contraditório e amargo mas contendo valiosas lições. Eduardo Prado assim termina: "Clama alto em nosso espírito a voz da experiência trágica e implacável e, pessimista, ela nos diz: a colonização ibérica da América foi um insucesso, foi uma desgraça para a civilização do nosso planeta. Não chegam a ser nações os agrupamentos em que gânglios de populações mestiças, oriundas de todas as inferioridades humanas, querem por força fingir de povos"...

J.O. de Meira Penna é embaixador, professor da UnB e escritor.